

## Emergência da Inteligência

*Páginas de Doutrina Estética*, de Fernando Pessoa

*Páginas de Doutrina Estética*, de Fernando Pessoa, não é um livro que se leia apenas com os olhos: lê-se com a inteligência vigilante, com o coração exposto à perplexidade e com a humildade de quem aceita sair transformado. Escolho-o para este Concurso de Leitura porque nele se condensam, com a precisão de uma lâmina, as perguntas que legitimam a própria existência da literatura — interrogações que reverberam num estudante de Engenharia e Data Science da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, habituado a perscrutar as ligações entre forma, conteúdo e destino do ato artístico, mas também entre algoritmos, modelos matemáticos e impacto social.

Pessoa publicou em vida muito pouco em volume; quase tudo o que hoje lemos foi resgatado dos seus míticos baús. Poder-se-ia objetar que isso faz destas páginas um laboratório inacabado, carente da decantação que um autor confere às obras definitivas. Todavia, é precisamente aí que reside a sua urgência. *Páginas de Doutrina Estética* confronta-nos com o pensamento em movimento: paradoxal, autocrítico, por vezes febril, sempre fecundo. Ao abrirmos o manuscrito em bruto, aproximamo-nos do fulcro criador e lembramo-nos de que toda a teoria nasce de uma combustão pessoal, antes de se cristalizar em dogma. Partilhar essa experiência é a justificação e primeira razão da minha escolha.

A hesitação como método... Uma das ideias-chave do volume é a recusa em reduzir a arte a mandamentos. «A arte é, antes de tudo, libertação do espírito humano», escreve Pessoa. A hesitação, longe de ser fraqueza, converte-se em rigor: recusar verdades definitivas preserva o espaço do engenho individual. Para um futuro engenheiro de dados, habituado à segurança dos manuais técnicos, o elogio da dúvida funciona como vacina contra a tentação do dogmatismo computacional. Cada modelo preditivo recorda-me de que até o melhor algoritmo é uma aproximação falível — tal como qualquer teoria estética provisória.

A missão civilizadora da sensibilidade... O livro reivindica a sensibilidade como categoria cognitiva. Sentir, sugere Pessoa, é pensar com a totalidade do ser. Num campus onde a objetividade estatística é frequentemente fetichizada, esta posição devolve legitimidade às Humanidades e lembra-nos de que uma visualização de dados, se desprovida de imaginação crítica, reduz-se a ruído elegante. Compreender um poema também é produzir conhecimento — e muitas vezes é essa compreensão transversal que desbloqueia soluções elegantes para problemas aparentemente técnicos.

A interligação do nacional e do universal .... Embora impregnado de referências portuguesas, a obra recusa confinar-se ao folclore. «Toda a arte é local antes de ser universal», afirma Pessoa, sublinhando que o caminho para o mundo passa primeiro pela aldeia interna. O paradoxo fornece munição contra a uniformização cultural contemporânea: identidade não é repetição de estereótipos, mas diálogo entre singularidades.

A arte como criação de futuro: «O poeta não descreve o que existe, inventa-o.» Cada obra funda um possível, inaugurando realidades que depois se oferecem ao mundo. O argumento antecipa discussões modernas sobre *world building* e futurologia literária: imaginar é ensaiar futuros. O livro converte-se, assim, num manual de prospetiva estética, útil a qualquer disciplina que deseje pensar além das evidências do presente — *inclusive* à engenharia, quando projeta infraestruturas ainda inexistentes ou modelos de previsão que escapem às séries históricas.

Ler *Páginas de Doutrina Estética* em 2025 é descobrir que o texto funciona como radar ético para questões prementes: que diferença subsiste entre criatividade orgânica e produção algorítmica? De que modo a narrativa molda a inteligência coletiva nas redes? Como equilibrar factualidade e imaginação num ambiente saturado de dados? Cada anotação pessoal restitui complexidade a temas que a tecnologia tende a simplificar, reafirmando que a dúvida continua a ser um capital insubstituível.

Se desconfias de tratados de estética, concede-me alguns parágrafos: Pessoa evita o tom empolado dos compêndios, prefere o fragmento, a metáfora súbita, o raciocínio que se autossabota para renascer mais lúcido. Ler estas páginas é como ouvir jazz intelectual: as frases divergem da melodia previsível, oferecem dissonâncias saborosas e regressam, por fim, surpreendentemente afinadas. Cada fragmento restitui-te a capacidade de espanto, esse músculo crítico tantas vezes atrofiado pela pressa dos semestres. Leva a um convite ao leitor relutante...

Imagina uma sala de aula silenciosa, no quadro lê-se «Teoria da Literatura — exame final». De súbito, as tábuas do soalho abrem-se e centenas de papezinhos manuscritos começam a flutuar, vindos de um baú sem fundo: são fragmentos de *Páginas de Doutrina Estética*. Os estudantes, em vez de responderem a perguntas fixas, terão de agarrar três pedaços ao acaso e, com eles, compor a sua própria teoria. O professor — talvez o heterónimo António Mora — avaliará não a repetição do cânone, mas a energia crítica com que cada um solda os excertos, provando que pensar é reorganizar o aleatório.

Projetemo-nos em 2075, quando a holografia reconstruir em plena aula o quarto lisboeta onde Pessoa escrevia. Perguntarão os estudantes: «Porque insistiam eles em livros impressos?» A resposta residirá na aura táctil desses cadernos de capa gasta, mas sobretudo na inquietação conceptual que nenhuma simulação poderá aplacar. É essa inquietação — a exigência de pensar contra si mesmo — que *Páginas de Doutrina Estética* legará às gerações vindouras: convite permanente à ironia criadora, à crítica vigilante, ao assombro metódico. Um diálogo com o leitor futuro...

Da engenharia à literatura, ida e volta. Tal como um algoritmo se treina em dados imperfeitos para extrair padrões latentes, também o leitor desta coletânea fragmentária aprende a conjeturar aquilo que falta nas entrelinhas. O engenheiro dirá que perde precisão; Pessoa responde que ganha latitude. Ambos têm razão: há beleza na tensão entre a exatidão matemática e a deriva metafórica, porque é desse curto-circuito que costuma nascer a verdadeira inovação.

Parafrazeando o autor: «Saber sentir é saber viver criticamente.» Ao escolher esta obra para o Concurso de Leitura — Ensino Superior, reafirmo a convicção de que a leitura universitária não deve limitar-se a acumular bibliografia; deve ser um exercício público de autotransformação. *Páginas de Doutrina Estética* mostra que teoria e prática literária não se separam; articulam-se no mesmo gesto criador. Para alguém formado em algoritmos, circuitos e estatística, o encontro com esta obra oferece a oportunidade de lembrar que números e versos partilham a mesma ambição: ordenar o caos para que a vida se torne inteligível — e infinitamente mais bela.

João Viterbo Vieira